

Mundorama

REVISTA DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA EM RELAÇÕES
INTERNACIONAIS
VOLUME 10 - NÚMERO 108 - AGOSTO - 2016

EVENTOS

SELEÇÕES DE PÓS-GRADUAÇÃO, CURSOS, SEMINÁRIOS, WORKSHOPS E OFERTAS DE BOLSAS DE ESTUDOS NO EXTERIOR NA ÁREA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

CONJUNTURA & OPINIÃO

OS TEMAS DA NOSSA AGENDA - AMÉRICAS, EUROPA, ÁSIA E ÁFRICA, ECONOMIA, POLÍTICA & SEGURANÇA INTERNACIONAL, POLÍTICA EXTERNA BRASILEIRA

BIBLIOTECA

REVISTA BRASILEIRA DE POLÍTICA INTERNACIONAL, MERIDIANO 47, CONJUNTURA AUSTRAL, SÉRIES DOCUMENTAIS

CENTRO DE ESTUDOS SOBRE AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS DO BRASIL CONTEMPORÂNEO
LABORATÓRIO DO INSTITUTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

**Volume 10 - No. 108 - Agosto -
2016**

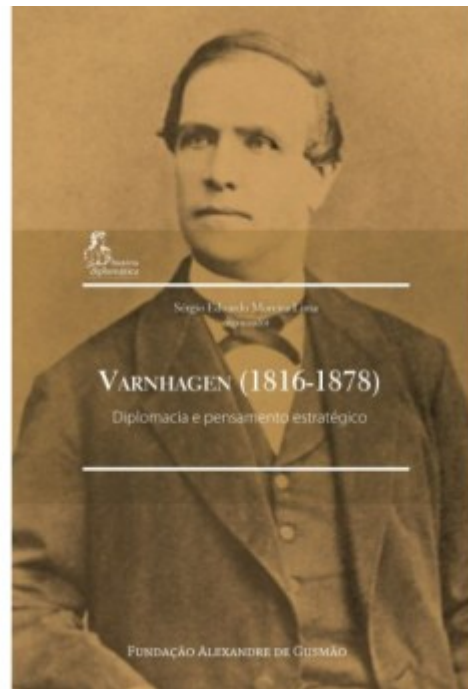
Table of Contents

FUNAG publica “Varnhagen (1816-1878) - Diplomacia e Pensamento Estratégico”	1
Concepts, ideas and methodologies in the interpretation of Latin American international relations, by Raúl Bernal-Meza	2
Groundwater international cooperation in South America, by Pilar Carolina Villar	4
Global warming in the Courts: fighting inertia and pushing action, by Larissa Basso	5
Fórum Social Mundial: um ator construtivista no cenário internacional, por Murilo Vilarinho ...	7
Os desafios do Reino Unido no contexto de saída da União Europeia, por Bruno Theodoro	10
UFG realiza Seminário “O Brasil e a crise dos mísseis”	12
FUNAG promove palestra de James G. Hershberg sobre a crise dos mísseis soviéticos em Cuba	13
Unifesp abre concurso para Professor de RI	14
Lançamento do livro “Teoria das Relações Internacionais - O mapa do caminho: estudo e prática”, de Cristina Pecequilo	15
Belarus, Minsk e seus dois Grupos de Negociações: “frozen conflicts” e mentes congeladas, por Paulo Antônio Pereira Pinto	16
FUNAG lança o livro “O Brasil no Conselho de Segurança das Nações Unidas (1945-2011)” ...	22
EGN abre seleção para mestrado profissional em Estudos Marítimos	23
Guerra na Síria: a intrincada participação da Turquia, por Virgílio Arraes	24

FUNAG publica “Varnhagen (1816-1878) - Diplomacia e Pensamento Estratégico”

By Mundorama | Volume 10 - No. 108 - Agosto - 2016

A Fundação Alexandre de Gusmão - FUNAG informa o lançamento do livro “Varnhagen (1816-1878) - Diplomacia e Pensamento Estratégico”



A obra reúne ensaios de historiadores e diplomatas a partir de pesquisas elaboradas para o Seminário sobre o assunto, organizado pela Fundação Alexandre de Gusmão (FUNAG), no Instituto Rio Branco (IRBr), em Brasília, em abril de 2016, para comemorar o bicentenário do nascimento do diplomata oitocentista brasileiro Francisco Adolfo de Varnhagen, conhecido também como Visconde de Porto Seguro.

É notória a importância de Francisco Adolfo de Varnhagen para a historiografia, embora seja menos conhecida sua contribuição à diplomacia brasileira. Por essa razão, a Fundação, em parceria com o IRBr, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e a Universidade de Brasília (UnB), tomou a iniciativa de realizar debate sobre o tema da Diplomacia e Pensamento Estratégico na concepção de Varnhagen e sobre sua participação, durante o Império, no avanço e formulação da ideia de transferência da capital para o Planalto Central.

Apresentado pelo chanceler José Serra e prefaciado por Sérgio Eduardo Moreira Lima, o livro é composto de ensaios de autoria de diplomatas e historiadores, como Arno Wehling (Integridade e integração nacional: duas ideias-força de Varnhagen); Luiz Felipe de Seixas Corrêa (Varnhagen: a formação do Brasil vista de ‘fora’ e de ‘dentro’); Synésio Sampaio Góes Filho (A geração de Varnhagen e a definição do espaço brasileiro); Carlos Henrique Cardim (O descobridor de Brasília: Varnhagen, ideólogo da modernização); Paulo Roberto de Almeida (O pensamento estratégico de Varnhagen: contexto e atualidade”) e Luís Cláudio Villafañe Gomes Santos (Varnhagen e a América do Sul).

O patrono da historiografia brasileira teve o mérito, como diplomata e homem público, de pensar o Brasil de uma perspectiva geopolítica e geoestratégica. Para ele, a ação diplomática deveria orientar-se nessa direção, como instrumento na realização de propósitos que levariam ao ideal de grandeza nacional.

O livro está disponível para download gratuitamente no site da FUNAG – clique [aqui](#).

Concepts, ideas and methodologies in the interpretation of Latin American international relations, by Raúl Bernal-Meza

By Mundorama | Volume 10 - No. 108 - Agosto - 2016

International relations studies and analyzes foreign policy in Latin America during much of the first half of the twentieth century were dominated by the influence of international law and the visions of diplomatic history. The first scientific analytical approach was structuralism, based on the thought Prebisch-ECLAC. From there a debate between the new influences of American thought in international relations and the efforts of Latin American thinkers to study international relations from the perspective of political economy. In some ways, this debate, after sixty years, still continues. The drafting of a Latin American line of thinking on international affairs also had to face the influence of –and dependence on – foreign (mainly Anglo Saxon) theoretical and methodological reflections.

Authors from within and outside the region note that this is an issue of concern to any policy making that aim at a more autonomous international insertion. In Latin America there are currently three major lines of work on thinking in international affairs. The first one, whether having an *own thinking* in order to interpret reality and nature of the international insertion from our own perspectives make any sense; the second one is about the appropriateness of applying theories that are produced by the epistemic thinking of the “North” in the interpretation of the international system and in the analysis of foreign policy, given its higher level of sophistication; and the third issue is whether the theory produced in the core countries should be replaced by *concepts* developed by Latin American epistemology, according to the idea that they would better explain the nature of our foreign relations. In recent years there has been an interesting discussion between those who consider the use of theoretical and methodological tools from schools and lines of Anglo-Saxon thinking is right and positive, and those who rather consider that theoretical, epistemological, conceptual and methodological tools produced in Latin America should be used.

In Argentina, the socio-historical, structuralist political economy, and autonomic lines of interpretation participate, and in Brazil, with a predominance of history are the main representatives of the second group, in which influences of the English and French schools of international relations are also observed. Among the main criticisms that this group addresses the followers of Anglo-Saxon theories, it is argued that the US theory –for example, realism and idealism– replace the historical investigation of the facts for prescriptions and foundations of the theory. The authors who followed this line subsequently argued that the theory produced in intellectuals scenarios outside the region, when being incorporated in the interpretation of international relations in Latin America, reproduced the dominant ideology of the producing sources, and therefore an analysis of the international insertion and foreign policy from our own interpretations was needed, thus rejecting the theories developed in the core and implementing concepts that would enable substantiate and explain foreign policy.

In this debate, scholars influenced by the conventional American thought, criticize Latin American production because they assume that it does not claim to universality.

There are two errors in the view of academics who follow only American thought. The first is to believe that Latin American contributions do not claim to universality, which is false if we review structuralist ideas, the exemplary construction core-periphery (updated the global system at the stage of capitalism of the 1970s by Arrighi, and Wallerstein, which added to the semi-periphery analysis) and interest for autonomy against the hegemonic power, which is a concern with global reach. The second mistake is to assume that those who follow the political economy approach reject the entire American theoretical thought, which is also false, because many authors take the “institutionalism” and “constructivism” to better understand processes of international cooperation and integration economic and regionalism.

In the current context of international processes and against the rise of China as a great power, but especially by the structure of economic, trade, financial and political relations between the powerful and Latin America, the Latin American thought precedent still has much to contribute to better understand the new realities between the rising centers and peripheries and semi-peripheries. This also extends to the understanding of relations between the hegemonic power and decision-making autonomy. Recent Latin American contributions contribute to this goal, with new concepts, analytical categories, theoretical reflections and methodological contributions.

The transition from economic hegemony between new “cores” and the old peripheries, and the challenges imposed by the new political and security of the international system point out that the search for new theoretical and methodological approaches should follow scenarios to be a priority for analysts in international relations. Because all the international dynamics it leads to a permanent challenge between change and continuity.

This is the discussion presented in the article [Contemporary Latin American thinking on International Relations: theoretical, conceptual and methodological contributions](#) , published in the [issue 1/2016](#) (Volume 59, N. 1) of the [Revista Brasileira de Política Internacional](#).

Read the article:

BERNAL-MEZA, Raúl. [Contemporary Latin American thinking on International Relations: theoretical, conceptual and methodological contributions](#). *Rev. bras. polít. int.* [online]. 2016, vol.59, n.1, e005.

Contact:

Raúl Bernal-Meza - Universidad Arturo Prat, Instituto de Estudios Internacionales, Santiago, Chile (bernalmeza@hotmail.com).

Groundwater international cooperation in South America, by Pilar Carolina Villar

By Mundorama | Volume 10 - No. 108 - Agosto - 2016

In the article [International cooperation on transboundary aquifers in South America and the Guarani Aquifer case](#), published in the [issue 1/2016](#) (Volume 59, N. 1) of the [Revista Brasileira de Política Internacional](#), the author analyzes how international actors have motivated cooperation on transboundary aquifers and its repercussions in South America, especially in the case of the Guarani Aquifer System (GAS).

Groundwater became object of international law only in the end of the 90s and international cooperation in South America is a phenomenon of the years 2000 which was boosted by the alliance between international organizations, States and epistemic community. The existence of international organizations and groundwater programs has been an important force for stimulating States to address groundwater issues, as well consolidating the idea of transboundary aquifers as a shared resource.

Of all the transboundary aquifer projects developed in South America, only the Guarani Aquifer case has evolved to an international agreement, which shows that cooperation is based primarily on producing knowledge about groundwater. Nevertheless, the joint data produced would not necessarily be used by States to deepen the process of cooperation started with the other aquifer States and reach an international agreement.

The cooperation process over GAS has shown that multi-actors partnerships and international projects contributed towards mobilizing States' resources and promoting joint arrangements, even though there are no conflicts over use. Despite the success of GAS as a technical cooperation example, the long process of the Agreement' ratifications has shown the difficulties of transforming it into a joint groundwater management cooperation example. Even with all international organizations and epistemic community mobilization as well the knowledge produced, in the end it is up to States to deepen cooperation and to create proper arrangements and institutions to transboundary aquifers.

Read The Article:

VILLAR, Pilar Carolina. [International cooperation on transboundary aquifers in South America and the Guarani Aquifer case](#). **Rev. bras. polít. int.**, Brasília , v. 59, n. 1, e007, 2016 .

Contact:

Pilar Carolina Villar - Universidade Federal de São Paulo, Departamento de Ciências do Mar, Santos - SP, Brazil (pcvillar@gmail.com). ORCID ID: orcid.org/0000-0002-7222-1609

Global warming in the Courts: fighting inertia and pushing action, by Larissa Basso

By Editoria Mundorama | Volume 10 - No. 108 - Agosto - 2016

The Judiciary is becoming acquainted with a new type of litigation: lawsuits against inaction to tackle global warming. By pushing for stricter climate regulation or trying to make carbon emitters accountable for their emissions and requesting damages, these lawsuits are writing a new chapter in climate change mitigation. And the phenomenon seems to be here to stay: this new type of litigation is becoming more and more common.

There are, broadly speaking, two types of climate lawsuits. In the first type, affected people sue governments – recently, companies as well – that they consider negligent in tackling climate change. Among these lawsuits, the 24 June, 2015 decision that demanded the Dutch government to revise its commitment to curb carbon emissions so that in 2020 they would be at least 25% less than in 1990 is widely known. Plaintiffs argued that the previous commitment was not in tandem with the responsibility of a developed country such as The Netherlands regarding climate change mitigation. Brought to court by the Urgenda Foundation and 900 Dutch citizens, it was the first judicial decision of its kind and became a precedent. In November 2015, Sarah Thomson, a New Zealander, filed a similar case against her government under the same arguments. In the same month, Saúl Luciano Lliuya, a Peruvian farmer, filed, in Germany, a lawsuit against the German electric power utility RWE. Mr. Lliuya argues that RWE is partly responsible for glacial melting in the Andes, increasing the volume of a lake above Huaraz, the city where he lives. He requests the company to pay for safety measures at the lake – payment proportional to the company's contribution to climate change – so that Huaraz does not become a flooded area. The case was accepted by the Regional Court of Essen and is running its course.

US citizens have also started to mobilize. Our Children's Trust, leading different children, has been filing lawsuits in the US, arguing that climate change violates the youngest generation's rights to life, liberty and property, and that governments are liable when they do not act against it to protect essential public trust resources. In April 29, 2016, the Trust and 07 children won the case against the Oregon Department of Ecology: it shall promulgate a carbon emissions reduction rule by the end of 2016 and make recommendations to the state legislature on science-based carbon emission reductions in the 2017 legislative session. The Trust also has 04 other state cases underway (Colorado, Massachusetts, Pennsylvania and Washington) and has filed a Landmark US Federal Climate Lawsuit, accepted by the Court in April 08, 2016 (hearings expected in September 2016).

A new case could become another potential landmark. Recently, the Philippines Commission on Human Rights, boosted by typhoon survivors – in the last decade, 04 large-scale typhoons have struck the Philippines – and non governmental organizations, and supported by more than 30,000 Filipinos, has sent 47 major carbon emitters (among them Shell, BP and Chevron) a piece accusing them of breaching human fundamental rights (to life, food, water, sanitation, housing and self determination). The breach is due to climate change, aggravated by the companies in question due to their carbon emissions. If accepted – the full legal investigation should start in October, after the companies have responded –, the lawsuit will be the first to judge the responsibility of private actors in causing climate change, and many others could follow.

The second type of lawsuits attacks false or incorrect disclosure of the carbon impact of different activities. In August 2014 WWF won a case against Peabody Energy, the world biggest coal company. Peabody had been advertising in favor of coal in energy generation, arguing that its clean coal technology was a solution for energy in developing countries. WWF argued the ad was not clear in pointing that the technology was not enough to zero carbon emissions, and thus had important impact on climate change. The United Kingdom Advertising Standards Authority decided that, without further clarification of the

impacts of coal on climate change, the ad should no longer be disseminated. This is a step forward in the demand to increase transparency of businesses' carbon footprint.

Although cases of the first type have been mushrooming, they still have limited effectiveness in pushing climate action. It forces Administrations to push stricter climate standards, but any movement in this direction takes time – cases involving private companies could have different consequences, depending on the content of the judicial decision. Cases of the second type, however, have great potential of disrupting established behavior regarding climate change mitigation, especially when regulation requiring companies to disclose their carbon footprint is enacted – this has been a cause defended by different social actors around the world, and has already been adopted in countries like France and UK. When carbon footprint becomes an important variable in investment decisions, investors could also become plaintiffs, suing companies that fail to correctly disclose the carbon impacts of their activities as their investments could be penalized. And insurance companies could also file suit to recoup previous expenses from companies that failed to correctly report their carbon footprints.

Another set of lawsuits will challenge international courts: how to decide cases involving climate refugees, people that lose their homes due to climate change? As island states disappear due to rising sea levels, large areas become flooded due to glacial melting, others become too dry to allow even subsistence farming, hurricanes, typhoons and tsunamis become more frequent, millions of people will migrate to survive. It is urgent that the international community starts to discuss how to resettle these populations. And the way it is current dealing with Syrians is not a positive precedent.

Global warming is a complex issue for courts, but climate lawsuits are here to stay. Climate change is the greatest challenge humanity current faces and its consequences touch all aspects of daily living. Current legal remedies are insufficient to settle many of the issues that will follow, so legal systems will need to adapt to this new reality. It is a positive sign to see many people getting involved and demanding action, but there is a lot more to be done: work has just started.

References:

Climate Change News, *Oil majors summoned to Philippines human rights inquiry*, news from 27 Jul 2016 available at <http://www.climatechangenews.com/2016/07/27/oil-majors-summoned-to-philippines-human-rights-inquiry/>, accessed 29 Jul 2016.

Germanwatch, *Peruvian farmer sues German utility RWE over dangers related to glacial melting*, available at <https://germanwatch.org/en/11302>, accessed 29 Jul 2016.

New Zealand Herald, *Student sues Government over climate targets*, news from 12 Nov 2015 available at http://www.nzherald.co.nz/nz/news/article.cfm?c_id=1&objectid=11544334, accessed 29 Jul 2016.

Our Children's Trust, Information on US climate lawsuits available at <http://www.ourchildrenstrust.org>, accessed 29 Jul 2016.

Urgenda Foundation, Information on The Netherlands lawsuit available at <http://www.urgenda.nl/en/climate-case/>, accessed 29 Jul 2016.

Larissa Basso is a PhD Candidate at the Institute of International Relations of University of Brasília and member of the International System at the Anthropocene and Climate Change Research Network. Contact: <larissabasso@gmail.com>

Fórum Social Mundial: um ator construtivista no cenário internacional, por Murilo Vilarinho

By Editoria Mundorama | Volume 10 - No. 108 - Agosto - 2016

Hodiernamente, as relações internacionais ainda são influenciadas pela perspectiva transnacional. Além disso, o mundo está, cada vez mais, interdependente (ROSENAU, 2000), envolvendo, na dinâmica internacional, não apenas o ator tradicional westfaliano, mas também atores não estatais.

Embora a governabilidade mundial, respaldada, de modo significativo, nas primazias política e econômica oriundas de Davos, de Organizações Internacionais, como a Organização das Nações Unidas (ONU), Organização Mundial do Comércio (OMC) e Fundo Monetário Internacional (FMI), ainda dite as regras do jogo capitalista transnacional (GILPIN, 2002), a sociedade civil na modernidade tardia (ONUF, 1989) tem-se evidenciado desde as manifestações de Seattle, ocorridas durante a Terceira Rodada Ministerial da OMC, no ano de 1999.

Em se tratando da sociedade civil de projeção transnacional, o Fórum Social Mundial (FSM) evidentemente pode ser considerado um dos cruciais partícipes políticos que transpôs as fronteiras territoriais e ideológicas desde o ano de 2001, com a finalidade de propor discussões sobre a busca de uma nova concepção de governança global, um verdadeiro *turning point* nas relações internacionais.

O dinamismo internacional do FSM, agente estruturador de um novo mundo em relação às mazelas da globalização, pode ser compreendido por meio do Construtivismo, teoria que afirma que interesses são socialmente construídos, tendo como base aspectos ideacionais.

Nesse sentido, o FSM, segundo sua Carta de Princípios (2002), apresenta-se como espaço aberto de encontro para aprofundamento do debate de ideias democráticas, da formulação de propostas, da troca de experiências entre entidades e movimentos da sociedade civil.

Em face disso, verifica-se que esse, baseando-se em valores e sentimentos comuns, ao convergir seus intentos para a proposição de uma sociedade mais solidária e humana, buscou constituir uma cultura no sistema internacional (WENDT, 1999) capaz de afetar o comportamento e a condução política dos Estados, entidade soberana que também conduz as Organizações Internacionais.

O FSM foi estabelecido em Porto Alegre, em 2001, com caráter mundial. Nele, 20.000 pessoas participaram. Entre essas, 4.700 eram delegados de diversas entidades e de diversos países, discutindo sobre a produção de riquezas e seu acesso; reprodução social e sustentabilidade; poder político, ética e afirmação da sociedade civil.

Nos anos de 2002 e de 2003, Porto Alegre continuou a sediar o FSM, contemplando a mesma gama de discussões da apreciada em 2001.

Em 2004, o FSM foi realizado fora do Brasil. Começou a se projetar pelo mundo. A Índia foi o primeiro lugar a receber o FSM que se internacionalizava, levando, para além-mar, discussões temáticas sobre direitos, igualdade, meio ambiente, racismo, sectarismo religioso.

No ano de 2005, o FSM retornou a Porto Alegre. Nesse momento, foi criado o Comitê Organizador Brasileiro, constituído por dezenas de organizações, divididas em grupos de trabalhos sobre assuntos significantes para a sociedade, por exemplo, emancipação social e dimensão política das lutas, Luta contra o capitalismo patriarcal, Luta contra o racismo, Gênero, Diversidade.

O ano de 2006 foi especial para o FSM, porque foi realizado de modo descentralizado. Uma edição policêntrica foi sediada em Bamako, na África; em Caracas, na Venezuela; e em Karachi, no Paquistão.

A África foi palco do FSM em 2007. Nairóbi, no Quênia foi o país escolhido para sediar os encontros daquele ano. Os temas de debates seguiram a mesma perspectiva dos grupos de trabalhos de 2005.

Em 2008, não houve um FSM como nos anos antecessores, mas uma semana de mobilização global. Nessa, o dia 26 de janeiro foi escolhido para ser o Dia da Mobilização e Ação Global.

A cada ano, o FSM tem-se mostrado cada vez mais sofisticado, em se tratando da forma de sua estruturação; variado, em termos de temas; e internacionalizado, no concerne ao alcance planetário.

O Brasil voltou a realizar o FSM em 2009. Dessa vez, foi Belém, no Pará, o local escolhido para os trabalhos desse reduto de sociedade civil organizada. O meio ambiente foi a pauta principal das discussões.

Em 2010, o FSM completou 10 anos. Comunicação e cultura foram os assuntos de destaque o evento que aconteceu em sua terra de origem, Porto Alegre.

O FSM de 2011, de volta à África, foi recebido em Dacar. Nessa edição, a história de resistência e luta do povo africano foram os temas discutidos. O Fórum, na África, teve a finalidade de destacar a dura realidade dessa sociedade, enfraquecida pelos ajustes estruturais, conformados durante as décadas de 1908 e 1990.

O FSM do ano de 2012, em Porto Alegre, volveu esforços para refletir e debater ideias pertinentes sobre desenvolvimento sustentável. O evento apresentou-se como um preparatório para a Cúpula dos Povos.

Em 2013, a edição do FSM ocorreu na Tunísia, dois anos, após a Primavera Árabe. Aproximar o movimento global de luta contra as mazelas do capitalismo das lutas revolucionárias da região figurou-se como o objetivo mais premente.

O FSM de 2014 buscou salvaguardar a agenda anti- Davos. Além disso, o evento expôs sua contraposição ao capitalismo que financia guerras, que redundam em milhões de refugiados, em fome, em degradação ambiental. Em Porto Alegre, na época, uma Marcha contra o Fórum Econômico de Davos mobilizou pessoas de todo o mundo.

O Fórum de 2015, novamente na Tunísia, buscou discutir o binômio “Direito e dignidade”. Racismo, futuro político pós- 2015 e democracia foram alguns dos itens propostos pelo Brasil em Tunis.

Neste ano, o FSM completou 15 anos. No FsmPoa+15 foi feito um balanço das edições precedentes, com a finalidade de verificar a evolução dessa estrutura de valores, criada pela sociedade civil organizada. Participação democrática, tomada de decisão de governos locais em relação ao MERCOSUL, orçamento participativo, governança solidária, BRICS, mudanças climáticas foram matérias de debates.

O FSM, realizado ao longo dos tempos, tem demonstrado sua construção dinâmica e renovação permanente, considerando-se as constantes demandas que são provenientes da sociedade global e, por conseguinte, identificadas pelas organizações e movimentos sociais, pelos grupos de base, pelos intelectuais, atores capazes de pressionar o sistema.

O Fórum Social Mundial, além de ser uma estrutura transnacional, de representar uma mobilização internacional, de construir um discurso, baseado no valor democracia, no ideal liberdade, em aspirações ambientais, no diálogo entre culturas, contra os infortúnios do capitalismo, explicitamente se insere na cena internacional como ator significativo das relações internacionais que tem forma própria e identidade em constante formação e sofisticação, haja vista que consegue, como sendo lugar comum para sociedade civil global, opor-se a governança global e pressionar conduções políticas estatais, organizacionais, econômicas que não consideram a pessoa humana como um fim em si e que não priorizam a manutenção de sua moradia transitória, o planeta.

Referências:

ASSUMÇÃO, Jéferson. "Eixos Temáticos". In: CATTANI, Antonio (org.) Fórum Social Mundial: A construção de um mundo melhor. Porto Alegre/Petrópolis: Editora da Universidade/UFRGS/Vozes/ Unitrabalho/Corag/ Veraz Comunicação, 2001.

_____. "Porto Alegre versus Davos". In: CATTANI, Antonio (org.) Fórum Social Mundial: A construção de um mundo melhor. Porto Alegre/Petrópolis: Editora da Universidade/UFRGS/Vozes/Unitrabalho/Corag/ Veraz Comunicação, 2001.

FÓRUM SOCIAL MUNDIA. Carta de Princípios do Fórum Social Mundial- 2002. Disponível em: >http://www.forumsocialmundial.org.br/main.php?id_menu=4&cd_language=1< . Acesso em: 9 jun. 2016.

_____. Disponível em <www.forumsocialmundial.org.br>. Acesso em 9 jun. 2016.

GILPIN, R. *Economia Política das Relações Internacionais*. Brasília: UNB, 2002.

CASTRO, Marcus Faro de. De Westphalia a Seattle: a teoria das relações internacionais em transição. Cadernos do Rel, n.20. 2001.

NOGUEIRA, João Pontes; MESSARI, Nizar. *Teoria das Relações Internacionais: correntes e debates*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

ONUF, Nicholas. *World of Our Making: Rules and Rule in Social Theory and International Relations*. Columbia: University of South Carolina Press, 1989.

ROSENAU, James N. "Governança, Ordem e Transformação na Política Mundial". In: Rosenau, James N. e Czempiel, Ernst-Otto. *Governança sem governo: ordem e transformação na política mundial*. Brasília: Ed. Unb e São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000. pp. 11-46.

WENDET, A. *Social Theory of International Politics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

Murilo Chaves Vilarinho é bacharel em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO), doutor em Sociologia pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e professor na mesma instituição.

Os desafios do Reino Unido no contexto de saída da União Europeia, por Bruno Theodoro

By Editoria Mundorama | Volume 10 - No. 108 - Agosto - 2016

Os resultados do referendo realizado em junho passado no Reino Unido transformaram o cenário político nacional e regional do país. Com a expressiva participação de 72% dos eleitores britânicos, 52% dos votantes decidiram que o país deve deixar a União Europeia (UE), terminando um relacionamento iniciado em 1973. Esta não foi a primeira vez que os britânicos se debruçaram sobre essa questão. Em 1975, um referendo sobre o mesmo tema foi realizado no Reino Unido, todavia o número eleitores que apoiaram a saída foi menos expressivo, 32%.

Os resultados das urnas apresentaram um país dividido não somente por regiões, mas também por níveis etários e educacionais. Enquanto o interior da Inglaterra e o País de Gales votaram pela saída, Escócia, Irlanda do Norte e Londres votaram pela permanência. Ao passo que jovens e pessoas com maior nível educacional tenderam a optar por continuar na UE, os mais velhos e pessoas com menor qualificação profissional tenderam a escolher a saída.

A vitória do voto por deixar a UE imediatamente levou à renúncia do premiê britânico David Cameron e à sua rápida substituição pela sua Secretária de Assuntos Internos, Theresa May. Embora tenha se posicionado ao longo do referendo favorável à manutenção do país na União Europeia, May mostrava-se favorável à redução do número de imigrantes recebidos pelo Reino Unido nos últimos anos. A segunda mulher a exercer o cargo outrora ocupado pela “dama de ferro” Margaret Thatcher inaugurou seu mandato com um discurso de que “Brexit quer dizer Brexit”, reduzindo as chances dos insatisfeitos com o resultado das urnas de realização de um novo referendo ou mesmo de desconsideração dos resultados das urnas pelo parlamento, tendo em vista sua natureza consultiva. A nomeação de um secretário exclusivo para as negociações com a UE e a escolha do polêmico ex-prefeito de Londres Boris Johnson para Secretário de Assuntos Exteriores indicam que os setores políticos que apoiaram a saída da UE ocuparão um lugar destacado neste novo governo.

Os primeiros passos da gestão de Theresa May mostram os grandes desafios que seu mandato terá. Antes de negociar uma saída da UE, May deverá garantir a unidade do país frente aos resultados do referendo, trazendo para a negociação representantes da Escócia e da Irlanda do Norte, os quais preferiam se manter na UE. Uma saída mal negociada da UE pode fazer com que a Escócia realize uma nova versão do referendo de independência realizado em 2014. Muitos eleitores escoceses naquele momento preferiram continuar parte do Reino Unido justamente por este ser um Estado-membro da UE. Além disso, uma negociação que não leve em consideração a questão da Irlanda pode fazer com que barreiras novamente separem a Irlanda do Norte (parte do Reino Unido) da República da Irlanda, gerando o renascimento do conflito irlandês, estabilizado no final dos anos 1990.

As primeiras viagens internacionais da nova primeira-ministra para a Alemanha e França buscam dar o tom de prioridade às negociações do ‘Brexit’. Theresa May informou aos líderes europeus que somente acionará o artigo 50 do Tratado da União Europeia – referente à saída de Estados-membros do bloco – no final deste ano ou início de 2017, quando o país consolidará uma posição para negociar os termos da saída. Até lá, temas como restrição aos imigrantes europeus, direito dos britânicos residentes nos países europeus, acesso comercial ao mercado europeu e manutenção dos benefícios do centro financeiro de Londres deverão estar em pauta nas discussões políticas britânicas.

As negociações não serão fáceis para ambos os lados e devem levar cerca de dois anos para serem concluídas. Enquanto o governo britânico vai buscar a melhor negociação possível, reduzindo a entrada de imigrantes no país e garantindo livre acesso comercial à UE, os líderes europeus buscarão uma saída rápida e com o mínimo de concessões possíveis, procurando abafar as chances de um efeito dominó para

outros países insatisfeitos com a integração europeia.

Resta saber qual será o lugar do Reino Unido no mundo assim que concretizada sua saída da UE. Embora os partidários do 'Brexit' tenham defendido que o país teria mais liberdade em negociar com grandes potências internacionais ao sair da UE, o fato do país deliberadamente se afastar do maior bloco comercial e político do mundo na realidade dá um sinal contraditório sobre o futuro papel do Reino Unido como um ator global de maior relevância. No plano dos valores, a saída britânica sem dúvidas representa o maior golpe sofrido na história da integração europeia, caracterizada por sucessivas adesões dos países do sul e do leste da Europa. Pela primeira vez, um Estado-membro decide, ao contrário, sair do bloco e retomar sua "carreira solo".

Bruno Theodoro Luciano é doutorando em Ciência Política e Estudos Internacionais, Universidade de Birmingham, Reino Unido. Foi pesquisador Konrad Adenauer em Estudos Europeus na FGV.

UFG realiza Seminário “O Brasil e a crise dos mísseis”

By Mundorama | Volume 10 - No. 108 - Agosto - 2016

O Núcleo de Estudos Globais (NEG) da Universidade Federal de Goiás (UFG) promoverá no dia 24 de agosto, a partir das 9h30, o seminário “O Brasil e a crise dos mísseis”. O evento acontecerá no auditório da Biblioteca Central do Campus II da UFG em Goiânia e contará com a presença do embaixador Rubens Ricupero e dos professores James Hershberg (George Washington University) e Carlo Patti (UFG).

Haverá serviço de tradução simultânea.

A atividade é organizada no âmbito do projeto de pesquisa Vulnerabilidade Nuclear Global, coordenado pelo professor Carlo Patti e financiado pela British Academy.

Para informações adicionais acesse o [site do evento](#).

FUNAG promove palestra de James G. Hershberg sobre a crise dos mísseis soviéticos em Cuba

By Mundorama | Volume 10 - No. 108 - Agosto - 2016

A Fundação Alexandre de Gusmão (FUNAG) e seu Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais (IPRI) realizarão, em Brasília, em 22 de agosto, das 10h45 às 12h, no auditório Embaixador Paulo Nogueira Batista, térreo do anexo 2 do Palácio Itamaraty, palestra sobre o tema “*Secret Brazilian Diplomacy, the Cuban Revolution, and the 1962 Cuban Missile Crisis: Unearthing Hidden History*”, com o professor [James G. Hershberg](#). As inscrições podem ser feitas [neste link](#), até o dia 18/08. As vagas são limitadas a 80 lugares.

James G. Hershberg é professor de História e Relações Internacionais na Universidade de George Washington e diretor emérito do Cold War International History Project, do Woodrow Wilson International Centers for Scholars.

A palestra será feita em inglês, sem tradução simultânea, e o evento será [transmitido ao vivo](#) pelo site da Fundação.

Serviço

Palestra “Secret Brazilian Diplomacy, the Cuban Revolution, and the 1962 Cuban Missile Crisis: Unearthing Hidden History”, com o professor James G. Hershberg

Data: 22 de agosto, das 10h45 às 12h

Local: Auditório Embaixador Paulo Nogueira Batista, Térreo do Anexo II do Palácio Itamaraty – Brasília

Vagas limitadas. Inscrições podem ser feitas [neste link](#) até dia 18/08.

Unifesp abre concurso para Professor de RI

By Mundorama | Volume 10 - No. 108 - Agosto - 2016

A Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP/Campus Osasco) anuncia a abertura de concurso público, para o cargo de Professor Adjunto-A em Dedicção Exclusiva (40hs DE- remuneração de R\$ 9.114,67) no curso de Relações Internacionais, na área de Segurança Internacional.

Os candidatos deverão ter Graduação nas áreas de: História ou Ciência Política ou Relações Internacionais ou Geografia ou Direito ou Sociologia ou Ciências Humanas ou Ciências Sociais Aplicadas ou Interdisciplinar ou Engenharias. Título de Doutor nas áreas de História ou Ciência Política ou Relações Internacionais ou Geografia ou Direito ou Sociologia ou Ciências Humanas ou Ciências Sociais Aplicadas ou Interdisciplinar ou Engenharias.

As inscrições ocorrem no Campus Osasco no período de 22 de agosto a 20 de setembro de 2016. O Edital Completo com maiores informações pode ser acessado [aqui](#).

Lançamento do livro “Teoria das Relações Internacionais - O mapa do caminho: estudo e prática”, de Cristina Pecequilo

By Mundorama | Volume 10 - No. 108 - Agosto - 2016

A Editora AltaBooks informa a publicação do livro “Teoria das Relações Internacionais - O mapa do caminho: estudo e prática de Cristina Soreanu Pecequilo, professora da Universidade Federal de São Paulo - Unifesp.

As Relações Internacionais são um campo de estudo diverso e complexo, que traz inúmeros desafios para estudantes e pesquisadores. Contestada por ser uma disciplina nova e cujas teorias se construíram a partir de outras correntes de pensamento, as Relações Internacionais têm se afirmado gradualmente como uma arena independente de estudo e prática.

Desde o passado até o presente, a história e a teoria caminham juntas, ajudando a estabelecer um cenário de paz e estabilidade, em meio à guerra. Neste século XXI, somos confrontados por uma agenda multidimensional política, social, cultural, econômica e estratégica, que traz inúmeros desafios que são abordados em cinco capítulos: “As Relações Internacionais”, “O Realismo”, “As Tradições Liberais”, “As Teorias Marxistas” e “As Abordagens Contemporâneas”. Com isso, teremos um mapa do caminho para elucidar a diversidade do mundo, com um olhar brasileiro.

Para informações adicionais sobre o livro, acesse <http://www.altabooks.com.br/teoria-das-relacoes-internacionais- o-mapa- do-caminho- estudo-e-pratica.html>

Belarus, Minsk e seus dois Grupos de Negociações: “frozen conflicts” e mentes congeladas, por Paulo Antônio Pereira Pinto

By Mundorama | Volume 10 - No. 108 - Agosto - 2016

Um “frozen conflict” e outro prestes a congelar-se no espaço pós-soviético fazem parte da agenda de preocupações dos chamados “Grupos de Minsk”, que, na prática, são iniciativas destinadas a “conviver” com estes problemas.

Há, no momento, dois “Minsk Groups”, associados a conflitos no mundo pós-soviético. O que foi dedicado ao recentemente escalado conflito em Nagorno-Karabakh (NK), entre o Azerbaijão e a Armênia; e o facilitador do diálogo entre as partes envolvidas na questão da Ucrânia. Em ambos, o nome desta capital consta como o local onde encontros são ou deixam de ser realizados. Não há protagonismo bielorrusso na busca de solução dos problemas. O papel de facilitador nas negociações, no entanto, eleva o perfil diplomático da Belarus no cenário mundial.

Este artigo dedica-se à análise do conflito congelado, no Cáucaso, a respeito de território com nome feio – Nagorno Karabakh – mas com tradução bonita – “Black Garden”. Quanto ao problema ucraniano, trata-se de processo em evolução, ainda difícil de ser analisado com maior precisão de detalhes.

O primeiro Grupo de Minsk foi criado, em 1992, com vistas a conferência para negociação entre Baku, Azerbaijão, e Ierevan, Armênia. É presidido por representantes dos Estados Unidos, França e Federação Russa. Seus membros permanentes são: Belarus, Alemanha, Itália, Suécia, Finlândia e Turquia. Na prática, seus “co-chairs” reúnem-se, periodicamente, em Viena, sede da Organização de Segurança e Cooperação da Europa, e visitam as capitais dos países que disputam o território de Nagorno-Karabakh, reconhecidamente pertencente ao Azerbaijão e habitado “majoritariamente” por pessoas etnicamente armênias (não necessariamente nascidas naquela área).

Entre os empecilhos para a solução do conflito, por um lado, a Armênia não aceita a aplicação de resoluções do Conselho de Segurança das Nações Unidas, que determinam sua retirada do território azeri. Por outro, Baku não permitiria o contato direto entre as forças em combate naquela área, pois – de acordo com seu entendimento – tal comunicação significaria o “reconhecimento de alguma legitimidade ao inimigo invasor”.

O cenário de congelamento permanente deste conflito muito prejudicaria projetos de integração da área antes ocupada pela URSS, nos moldes da União Econômica Euro-asiática, ambicionada por Putin e de grande interesse para a Belarus. A estabilidade do entorno bielorrusso, portanto, depende também do entendimento do que acontece nos mais distantes recantos pós-soviéticos.

Desnecessário lembrar que, ao contrário de disputa mais próxima de Minsk, envolvendo populações etnicamente “russas” na Ucrânia – e que, conforme já mencionado, também atribui o nome desta capital ao grupo que lhe busca solução – o que acontece no Cáucaso diz respeito a pessoas que, segundo visão “imperial” de Moscou, seriam bárbaros, a serem mantidos na esfera de influência da Federação Russa, como obstáculo de contenção de impérios vizinhos – como o fazia Roma antiga.

No Cáucaso, assim, há referência a antigas disputas regionais, como “conflitos congelados”. Cabe identificar, também, a existência de um quadro de “frozen minds”, ao redor daquela cadeia de montanhas, em virtude da opressão exercida pelo culto persistente a um passado histórico, real ou imaginário, que busca reforçar discórdias entre os habitantes daquela parte do mundo, sem que haja visão prospectiva favorável sobre como as atuais discordâncias serão resolvidas.

Suas causas resultam da forma desordenada como ocorreu o processo de desintegração da União Soviética. Na medida em que o mecanismo ideológico que a sustentava desapareceu, sobreviveram rivalidades criadas e consolidadas pelo modelo de governança estalinista. Este privilegiava lideranças das chamadas “repúblicas soviéticas” que, após o desaparecimento da URSS, insistem em defender prerrogativas próprias que lhes foram outorgadas pelo “velho regime”.

Tais privilégios diziam respeito, principalmente, ao conceito de “autodeterminação”, que veio a provocar o surgimento de “repúblicas soviéticas” – etapa intermediária para a consolidação do socialismo – com capacidade de decisões próprias, com o emprego, até mesmo, de forças armadas a sua disposição. O objetivo final, após aquele período, seria a inserção de todos estes mini governos na moldura de governança maior da então poderosa União Soviética. A etapa posterior ocorreria, com a universalização do poder do proletariado. A dialética marxista garantiria que, com o desaparecimento da luta de classes, as referidas repúblicas se dissolveriam, em favor do interesse maior compartilhado por todos, ansiosos por serem conduzidos ao comunismo.

Nessa perspectiva, a origem dos problemas que ainda permanecem no Cáucaso, Norte e Sul – segundo literatura disponível sobre o assunto – encontra-se na complexa interpretação de Stalin sobre o significado de “nação”. Em termos reconhecidamente simplificados, é possível entender que, para aquele líder soviético – natural, como se sabe, da Geórgia caucasiana – caberia distinguir nação, de raças, tribos, grupos linguísticos ou pessoas que simplesmente habitassem o mesmo território. A nação, segundo ele, seria uma comunidade que teria “evoluído historicamente e se tornado estável”. Tal conceito poderia ser definido em termos de uma cultura comum, a incluir “idioma, território, vida econômica e características psicológicas semelhantes”.

Coerente com o raciocínio do “materialismo histórico”, Stalin identificaria, como contradição principal, o surgimento do nacionalismo, principalmente, como resposta à opressão por algum outro grupo social. Isto é, a consciência nacional – da mesma forma que a de classe – surgiria em função da circunstância de que uma comunidade nacional se encontrasse subordinada a outra.

A diferença entre o conceito stalinista de nação e o pensamento “burguês” sobre o tema é que, para este “o nacionalismo seria o caminho para a guerra e o imperialismo”. Para os seguidores do líder soviético, no entanto, apenas um sistema político, que permitisse a nações exprimirem seu desejo de autodeterminação, evitaria conflitos e eliminaria a burguesia do poder. Tal autodeterminação, contudo, deveria ser claramente percebida como sendo “em benefício dos interesses do proletariado”.

Dessa forma, por exemplo, não seria permitido a líderes religiosos reivindicarem autodeterminação de uma área, apenas para satisfazer anseios de muçulmanos ou cristãos. “Os interesses dos trabalhadores, como um todo, deveriam ser levados em conta, para obter o benefício em questão.”

Na medida em que novas classes dirigentes foram se consolidando nessas “Repúblicas”, métodos de governança soviéticos vieram a ser adotados, tais como julgamentos e execuções sumários, e “desaparecimentos”. Enquanto estas “modalidades de controle social” iam se incorporando aos hábitos locais, vínculos de cumplicidades fortaleciam as elites que se mantinham no poder, com o emprego da violência contra seus próprios nacionais.

A fase pós-Stalin testemunhou a subida ao poder de nova geração, adepta a métodos menos truculentos para se preservar no Governo, na medida em que as repúblicas soviéticas foram se tornando estados-nações. Ao Sul do Cáucaso, “déspotas esclarecidos” assumiam a direção na Armênia – Karen Demirchian (1974-88) – no Azerbaijão – Heydar Aliyev (1969-82) – e na Georgia – Eduard Shervadnadze (1972-85). Os três se beneficiaram da ânsia por estabilidade decorrente da turbulência e terror vigentes na fase stalinista. Todos consolidaram feudos virtuais em seus domínios. O problema é que, cada vez mais, grupos fortaleciam seus interesses recíprocos, em detrimento do benefício maior dos habitantes dos territórios sobre sua autoridade.

Ao Norte da região, não se desfrutava de processo idêntico. Ao contrário da busca da estabilidade, mesmo

que fosse com a consagração de ambições pessoais, Chechena, e Daguestão – entre as áreas objeto deste estudo que busca identificar explicações gerais para problemas atuais, sem reivindicar exatidão científica – foram marcadas por período de turbulência política, com o início da fase pós-soviética da década de 1990 e início do milênio.

A Rússia, como é sabido, envolveu-se em duas guerras na Chechena, no período de 1994-96, durante o Governo de Yeltsin, e 1999, no de Putin. Desnecessário lembrar os massacres na escola de Beslan, Ossétia do Norte, e em teatro em Moscou, por combatentes pela independência daquela região ao Sul da Rússia.

De acordo com documentação disponível, haveria três principais explicações para tais conflitos e atos de violência. A primeira diria respeito ao fato de que, tanto ao Norte do Cáucaso, como ao Sul, reivindicações étnicas por antigas classes dominantes foram incorporadas por novas lideranças políticas – já referidas repetidas vezes acima – como argumentos legítimos, de forma a se perpetuarem no poder. A segunda envolve disputas fundiárias históricas, que passaram a alimentar ímpetos genocidas, no interesse de grupos sociais, sempre dispostos a consolidar suas prerrogativas. A terceira pode ser encontrada no repetido emprego da força, por governos de Moscou, tanto para eliminar opositores, quanto para manter governantes que lhe fossem simpáticos. Este último fator contribuiu, sem dúvida, para polarizar as tensões regionais.

Mais importante, com a fase pós-soviética, chegou ao Norte do Cáucaso outra forma de mobilização, expressa no fundamentalismo islâmico. Rapidamente, o discurso radical foi assimilado pelos militantes chechenos, com pesada herança de combate contra os russos, seja contra o Império, na década de 1840-50, seja contra a dominação soviética. Em momento algum – sempre de acordo com a literatura disponível – tais lutas tiveram conotação religiosa, na forma adotada após a implosão da URSS.

Cabe notar, a propósito, que os guerrilheiros passaram a adotar vocabulário de combatentes islâmicos em outros cenários de guerra. Assim, os russos passaram a ser chamados de “infieis”, seus mortos passaram a ser “mártires” e os simpatizantes de Moscou denominados “hipócritas”.

Houve, no entanto, inovações nos procedimentos de relações públicas. Assim, enquanto o rebelde checheno Imam Shamil, no século XIX, escrevia cartas ao Sultão Otomano, em busca de ajuda contra Moscou, hoje, os líderes daquela região criam “sites”, como o “Book of a Mujahideen” e cobram acesso por múltiplos cartões de crédito.

Este texto tem procurado argumentar, portanto, que a violência ocorrida, no Cáucaso, após a desintegração da URSS, decorre, por um lado, da fraqueza e forma desordenada de extinção do Estado Soviético e, por outro, da determinação dos “governos nacionais” que o sucederam – tanto os que obtiveram reconhecimento internacional, quanto os que não o conseguiram, no sentido do emprego da força para preservarem seus egoísmos pessoais ou regionais. Não representam, nessa perspectiva, exatamente a defesa histórica de identidade ou destino nacionais.

Assim, reitera-se, que cada parte que se envolveu em conflito havia sido privilegiada, durante o período soviético, com uma chamada “administração autônoma”. Daí, a classe dirigente destes enclaves, sem querer renunciar a prerrogativas consagradas, decidiu recorrer ao emprego da força – com o benefício do abundante material militar deixado pelos exércitos soviéticos, em retirada – para transformar antigas instituições soviéticas em novos estados. Não fossem as estruturas administrativas herdadas e certas ambições pessoais que motivavam a preservação de privilégios adquiridos, as guerras pós-soviéticas talvez não tivessem ocorrido.

Na medida em que tais conflitos foram adquirindo vida própria, disputas que, conforme já reiterado, tinham origem pessoal ou regional – isto é, brigas entre vizinhos ou aldeias, por carneiros perdidos ou achados ou por divisões de áreas de plantação, p.e. – passaram a adquirir conotação étnica. Hoje, os conflitos são lembrados como lutas de libertação nacional ou guerras trágicas em defesa de integridade territorial da mãe pátria. Uma geração recente completa de crianças cresceu sustentada por tais afirmações patrióticas.

Segundo consta, em algumas regiões que hoje reivindicam autonomia, currículos escolares foram reescritos, para convencimento de gerações futuras de que haveria conexão entre supostos estados antigos e atuais. Mesmo Noé, como se sabe, entra nessa disputa: seu corpo estaria enterrado em solo azeri – e visitei seu túmulo em Nakchivan – e a arca em território armênio. Abel e Cain, de acordo com cada parte teriam nascido em uma ou outra área hoje ocupada por um dos dois países – segundo ouvi em longa explicação de reitor de Universidade da região citada acima.

Em resumo, a desordem pós-soviética no Cáucaso não foi resultado de rivalidades naturais, entre nações em busca de independência, mas, sim, o reflexo da capacidade da comunidade internacional de tolerar algumas formas de secessão e não outras. Assim, secessões bem sucedidas, como as da Armênia, Azerbaijão e Geórgia, foram legitimizadas com o reconhecimento internacional e admissão em organizações internacionais.

Aqueles regimes não reconhecidos – Nagorno-Karabakh, Abcássia e Ossétia do Sul – foram vistos, no exterior, como tentativas desesperadas de racionalizar a emancipação de territórios não sustentáveis. Uma diferença óbvia, entre os reconhecidos e não reconhecidos foi, simplesmente, o tamanho. Os não reconhecidos eram insignificantes, em termos populacionais: menos de 200.000 na Abcássia e Nagorno-Karabakh, e talvez ao redor de 70.000 na Ossétia do Sul. Representavam, no entanto, parte expressiva do território dos países reconhecidos, dos quais queriam se separar: cerca de 15% da Geórgia e do Azerbaijão.

No início do milênio – segundo dados disponíveis – era difícil para visitantes identificar diferenças de estilo de vida, a ponto de estabelecer identidades nacionais distintas, entre as terras ocupadas pelos habitantes de estados reconhecidos ou não. Tratava-se de aldeias pastoris, ocupadas com a criação, perda e busca de seus carneiros. A falta de eletricidade e outras deficiências de infraestrutura, a corrupção, a ausência de governança e de governabilidade eram as mesmas.

As diferenças se encontravam, apenas, entre os projetos dos personagens que não queriam renunciar aos privilégios e prerrogativas obtidos durante o período soviético. Suas ambições, no entanto, eram idênticas, através do Cáucaso, fossem seus países reais ou imaginários: manter-se no poder.

No final da década de 1990, e início dos anos 2000, reivindicações herdadas do período de hegemonia da URSS, sobre o Cáucaso, continuavam a ressurgir, sem que modalidades de governança adotadas durante aquelas sete décadas de escuridão tivessem sido desmanteladas.

Pode ser oportuno, neste ponto, recordar, em linhas gerais, como se consolidaram os vínculos russo-caucasianos. Seria possível estabelecer 1820, segundo bibliografia disponível, como marco de partida para este cenário, quando o Império Persa renunciou a suas pretensões quanto à área, enquanto os otomanos também perderam lá sua autoridade. A partir de então, à exceção de curto período – entre 1918 e 1921 – após a Revolução Bolchevique e a guerra civil que se seguiu, o Norte e Sul do Cáucaso permaneceram sob a dominação russa, até a desintegração da União Soviética.

Hoje, a parte Meridional integra a Federação Russa e a Austral é composta por Azerbaijão, Armênia e Geórgia, ainda sujeitos a forte influência econômica, de políticas energéticas e de segurança emanadas de Moscou.

Ressalta-se, a propósito, que populações locais não consideram estar esta região “predestinada” a ser controlada pela longínqua Moscou. Aos russos, como se sabe, coube um custo enorme para garantir seu domínio. A consolidação das fronteiras imperiais, até as margens do Mar Cáspio, consumiu uma centena de anos, com atos que, hoje, seriam considerados genocidas, como a queima de povoados caucasianos, assassinatos da população nativa e deportações maciças. Lembra-se que, até os dias atuais, movimentos de insurgência continuam a desafiar a autoridade russa na Chechena e Daguestão.

Ocorreu, como se sabe, longa evolução, desde os tempos quando o Império Russo, em sua fase modernizadora sob Pedro “o Grande”, expandiu-se, a partir do Mar Negro, rumo ao Cáspio. Os novos

invasores consideravam, então, ser aquela região habitada por populações primitivas, incluindo muçulmanos, pagãos e até adeptos do Cristianismo. Tratava-se de gente que escravizava mulheres europeias, saqueavam comerciantes e tribos diversas que guerreavam entre si. Eram, portanto, “bárbaros” que deveriam ser “civilizados” pelas forças imperiais russas.

Tal postura perduraria até meados do século XIX, quando noticiário na Europa Ocidental e América do Norte começou a divulgar a luta dos povos das altitudes do Cáucaso contra os invasores russos. Criou-se, então certa analogia entre o que se passava nesta parte do mundo com o que acontecia nas fronteiras do “West” dos EUA. Tinha início uma fase de romantismo alimentado por autores renomados como Puchkin e Tolstoi, ao descreverem a “nobreza” daqueles povos, vítimas de atrocidades dos dirigentes em Moscou. “Fast forward”, e chega-se à segunda metade do século XX, quando a União Soviética procura fortalecer seu “caráter multicultural”, como etapa natural no sentido da “tomada definitiva do poder pelo proletariado”. Buscava-se, então, criar condições regionais que refletissem a forma como russos e outros cidadãos soviéticos concebiam seu próprio país. Grupos de danças da região Transcaucasiana, com suas vestimentas típicas, o vinho da Geórgia, o brandy da Armênia e os tapetes do Azerbaijão, tornaram-se símbolos daquela parte da URSS, bem como da “maneira soviética de ser e sentir”.

Daí, este exotismo todo ser, naquele período, celebrado e satirizado, ao invés de temido. Filmes populares consolidavam a boa índole e naturalidade das pessoas do Sul da URSS, bem como as boas maneiras e ânsia de vida de suas populações. Tais manifestações artísticas, no entanto, gradativamente passaram a ter conteúdo de protesto quanto à ausência de liberdades. Emblemático foi o lançamento do filme “Repentance”, uma das obras mais significativas do final do período soviético. Dirigido por Tengiz Abuladze, nacional da Geórgia, em 1986, a película cinematográfica aborda a política de violência e disputas territoriais, resultantes de ambições pessoais que levaram populações da URSS à ruína.

O enredo trata da morte de um Sr. Varlam, prefeito autoritário de município não identificado, naquele país, ao Sul do Cáucaso. Após o enterro, a população local verifica que o corpo continua ressurgindo, em diferentes lugares, como se tivesse “vida própria”. Descobre-se, finalmente, que uma mulher, cuja família havia sido vítima de crueldades do falecido dirigente, era a responsável, após cada renovado enterro, pelo reaparecimento do cadáver. Levada a julgamento, a cidadã é considerada insana. Mas, perante o tribunal, a acusada consegue fazer denúncias que desmoralizam o ex-prefeito Varlam. O filme transmitia a mensagem inconfundível de que, então, a União Soviética tinha que assumir o seu passado autoritário, para que “os fantasmas de seus tiranos” deixassem de assombrar o processo de reformas político-econômicas exigidas no país.

Assim, no que diz respeito ao Cáucaso – mesmo com a independência de Azerbaijão, Armênia e Geórgia – no final da década de 1990 e início dos anos 2000, velhos hábitos ligados à doutrina estalinista de governança perduravam, apesar do colapso da estrutura do Estado Soviético. Da mesma forma que o enredo do “Repentance”, citado acima, reivindicações herdadas do período de hegemonia da URSS, sobre esta região, continuavam a ressurgir, sem que mitos daquelas sete décadas de escuridão tivessem sido enterrados – como o corpo do falecido Prefeito Verlam. Apenas quando houver o compromisso de desenterrar o passado recente e os responsáveis pelos erros cometidos, durante o período de dominação soviética, tenham seus erros devidamente avaliados, poderia haver mudanças significativas nas formas de governança ou desgovernança no Cáucaso, Sul e Norte.

As populações locais – tanto jovens, quanto mais velhos – querem livrar-se da opressão da persistente invocação, pelas classes dirigentes, de passado cheio de massacres – ocorridos ou não – sem referência a projetos de paz futura. Conforme se procurou expor acima, este contexto favorece, apenas, aos que desejam perpetuar estruturas herdadas do período soviético, em benefício de interesses próprios. Trata-se de “mentes congeladas”. Isto é, o descongelamento dos conflitos deverá ser precedido do mesmo processo nas mentes dos dirigentes daqueles países. Talvez o clima extramente frio de Minsk não seja o ideal para a formação de “grupo” que facilite tal distensão.

2015. Foi Chefe do Escritório de Representação do MRE no Rio Grande do Sul (ERESUL), entre 2012 e 2014, Embaixador do Brasil em Baku, Azerbaijão, entre 2009 e 2012, e Cônsul-Geral em Mumbai, entre 2006 e 2009. Serviu, a partir de 1982, durante vinte anos, na Ásia Oriental, sucessivamente, em Pequim, Kuala Lumpur, Cingapura, Manila e Taipé. Na década de 1970 trabalhou, na África, nas Embaixadas em Libreville, Gabão, e Maputo, Moçambique e foi Encarregado de Negócios em Pretória, África do Sul. As opiniões expressas são de sua inteira responsabilidade e não refletem pontos de vista do Ministério das Relações Exteriores.

Mundorama. "Belarus, Minsk e seus dois Grupos de Negociações: "frozen conflicts" e mentes congeladas, por Paulo Antônio Pereira Pinto". *Mundorama - Revista de Divulgação Científica em Relações Internacionais*,. [Acessado em 21/01/2019]. Disponível em: <<http://www.mundorama.net/?p=19620>>.

FUNAG lança o livro “O Brasil no Conselho de Segurança das Nações Unidas (1945-2011)”

By Mundorama | Volume 10 - No. 108 - Agosto - 2016

A Fundação Alexandre de Gusmão publicou, na coleção *Em Poucas Palavras*, o livro “O Brasil no Conselho de Segurança das Nações Unidas (1945-2011)”, de autoria do diplomata Gustavo Gerlach da Silva Ziemath.

De forma resumida, o autor analisa a participação brasileira no Conselho de Segurança da ONU, buscando identificar continuidades e descontinuidades nos posicionamentos do País em relação aos temas colocados na agenda do órgão. O propósito do trabalho é contribuir para a compreensão do papel desempenhado pelo Brasil no Conselho, durante os períodos em que ali atuou como Membro não permanente, nos esforços institucionais em favor da preservação da paz e da segurança internacional.

A obra já está disponível para [download gratuito](#) na Biblioteca Digital da Fundação Alexandre de Gusmão.

EGN abre seleção para mestrado profissional em Estudos Marítimos

By Mundorama | Volume 10 - No. 108 - Agosto - 2016

O Centro de Estudos Político-Estratégicos da Marinha do Brasil (CEPE-MB) e a Escola de Guerra Naval (EGN) tornam público o processo seletivo para ingresso no Programa de Pós-Graduação em Estudos Marítimos, em nível de Mestrado Profissional (“stricto sensu”).

As inscrições iniciaram-se em 29 de agosto e se encerrarão em 13 de outubro de 2016. Poderão se inscrever civis e militares que possuam graduação completa reconhecida pelo MEC. O curso tem início previsto para março de 2017 e a duração de dois anos.

Os Estudos Marítimos conformam um campo acadêmico interdisciplinar, que abrange as relações políticas e sociais do homem com os espaços marítimos e as águas interiores. O Programa se estrutura em torno da área de concentração “Segurança, Defesa e Estratégia Marítima”, contando com três Linhas de Pesquisa: I – Política e Estratégia Marítimas; II – Regulação do uso do mar e Cemarização; e III – Ciência, Tecnologia, Inovação e Poder Marítimo.

Informações sobre o edital, vagas, processo seletivo e corpo docente

poderão ser visualizadas na página do PPGEM na Internet: www.ppgem.egn.mar.mil.br. Informações adicionais poderão ser obtidas pelo telefone: (21) 2546-9325, ou pelo e-mail ppgem@egn.mar.mil.br.

Guerra na Síria: a intrincada participação da Turquia, por Virgílio Arraes

By Editoria Mundorama | Volume 10 - No. 108 - Agosto - 2016

Por alguns dias, o mundo acompanhou de maneira entusiasmada os quadrienais jogos olímpicos, realizados a um alto custo no Rio de Janeiro, momento em que quizílias de menor porte entre países expressaram-se apenas nas contendas em estádios e ginásios por medalhas de ouro e, quiçá, por recordes mundiais.

Contudo, nem mesmo a presença de delegações de quase todo o globo pôde interromper a marcha de determinados conflitos como, por exemplo, aconteceu no breve período do Natal ao Ano Novo durante a primeira fase da Primeira Guerra Mundial, onde britânicos e alemães disputaram um jogo de futebol.

O confronto civil sírio ultrapassa meia década de existência e não há sinais de que se possa chegar ao desfecho pacífico no curto prazo com a questão por causa da porfiada divergência entre as diversas agremiações, com séria consequência para a sofrida população, deslocada aos milhões de suas casas ou de suas cidades e sem perspectiva de acolhimento regular por outros países, mesmo no Oriente Médio.

Se os meios de comunicação mais populares criticam de modo veemente a interferência do Kremlin nos assuntos síriacos nos últimos meses, suposto fator de manutenção do conflito, ao cabo de 2008, omitiram-se eles de certa maneira no tocante à atuação da Casa Branca lá por meio de investidas singulares.

A justificativa para os ataques aéreos naquela altura havia decorrido do fato de que a ditadura de Bashar Al-Assad teria permitido ou no mínimo ignorado o ingresso de combatentes estrangeiros no Iraque a partir de suas fronteiras. Por isso, o governo estadunidense decidiu de modo expedicionário punir o sírio.

A atual preocupação de Washington com a circulação desenvolvida de Moscou não se limita a Damasco, mas ao próprio leste europeu, onde a gestão de Vladimir Pútín não se acerta com o de Volodymyr Groysman sobre o destino final da Criméia, nem com os de seus antigos membros ao tempo da União Soviética em face da perspectiva de integração otaniana, como é o caso da Letônia, Lituânia e Estônia;

E agora a Istambul, em que Recep Erdogan, após debelar com mão de ferro um inaudito golpe militar de Estado, parece distanciar-se de Bruxelas, a cujo organismo pertence a Turquia há quase seis décadas e meia.

No entendimento do Pentágono, através da dócil Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), haveria a necessidade de deslocar mais tropas para solo báltico e polonês, a despeito do custo financeiro e do fator político de não ter sido ameaçada nem a Casa Branca, nem seus aliados naquela vasta região.

Do ponto de vista diplomático, o último exercício militar seria o reconhecimento à contribuição da Polônia na Guerra do Afeganistão, mesmo modesta, mais simbolizada pela perda de dezenas de combatentes.

De toda maneira, mais de trinta mil efetivos – dos quais quase a metade de enviados norte-americanos – acompanhados de centenas de veículos e dezenas de helicópteros, adestraram-se com o propósito de encarar até ameaças cibernéticas proporcionadas em tese pelo único adversário potencial: a Rússia.

Não seria possível julgar se a medida dos Estados Unidos, ao exercitar-se de maneira castrense com mais de duas dezenas de parceiros, é diversificação momentânea da movimentação, uma vez que Rússia e China comportam-se de forma mais altaneira nas suas imediações nos dias de hoje, ou alteração de fato da política externa, visto que a contenção ao terrorismo tem sido executada satisfatoriamente, malgrado o cerceamento das liberdades civis.

A recente adesão no leste europeu, a despeito da robustez dos membros, não deve atenuar Moscou em seus limites territoriais, mas pode influenciá-lo na condução das negociações com Washington na confrontação síria.

As duas superpotências têm o interesse em corroer o poderio de determinados grupos, considerados para ambos como terroristas – o ramo local da Al-Qaida, sob nova denominação, e o Estado Islâmico.

Eis o objetivo de concertar a atuação conjunta em intensidades distintas, dado que um possui contingentes em solo, ao passo que o outro, não, a menos que seja para o recrutamento e treinamento de voluntários contrários ao duradouro regime baathista.

Nos últimos dias, há o aspecto complicador a um possível desdobrar rumo à paz: a circulação turca na fronteira com aeronaves, tanques e tropas de elite. Seu recém-ingresso na peleja não é por solidariedade a Bashar Al-Assad ou a Barack Obama, nem a trouxe-mouxe, porém com a finalidade de retirar a atenção da população da crise política ainda palpitante, mesmo na eventualidade de que oficialmente sob escusa de resguardar seu perímetro.

Por um lado, Ancara substitui ou até representa, se observado de forma otimista, Washington na desgastante guerra ao rés do chão, haja vista o desestímulo de remeter contingentes depois do fracasso no Iraque e no Afeganistão;

Por outra face, diverge ela de forma substantiva dele ao não tolerar a desenvoltura das milícias curdas, mesmo se opostas de modo férreo aos integristas. Nesse sentido, combates constantes entre eles podem ocorrer sob justificativa de que sem minar o crescimento no lado sírio da etnia, afetar-se-á de maneira negativa o território turco.

Seria outra dimensão conflituosa para a área, de difícil encaminhamento e, por conseguinte, de solução para os trunfos administrativa norte-americano relacionada com aquela região: Departamento de Estado e, em especial, Pentágono e CIA.

Nenhuma das opções do destino futuro da Síria postas à mesa para a apreciação da Turquia a satisfaz: Partido Baath, Califado ou Partido de União Democrática, vinculado ao Partido dos Trabalhadores do Curdistão, chancelado como organização terrorista pela burocracia estadunidense e turca.

No entanto, não há convergência sobre quem seria a oposição 'legítima' à ditadura ou por ela reconhecida – os chamados em termos gerais de rebeldes – com o fito de preservá-la das rigorosas investidas russas contra os extremistas.

A instituição do cessar-fogo contribuiria para novos delineios entre os três atores externos e os inúmeros internos envolvidos, a incluir a preservação permanente de locais humanitários, com o propósito de amenizar o sofrimento dos civis.

Virgílio Arraes é professor do Departamento de História da Universidade de Brasília – UnB (arraes@unb.br).

Editoria Mundorama. "Guerra na Síria: a intricada participação da Turquia, por Virgílio Arraes". *Mundorama - Revista de Divulgação Científica em Relações Internacionais*,. [Acessado em 21/01/2019]. Disponível em: <<http://www.mundorama.net/?p=19641>>.